



A Rendição de Uruguaiana: Narrativas de Guerra e Dimensões da Crise da Monarquia Brasileira.

Fábio de Oliveira Abati.¹

“A rendição de Uruguaiana faz crer por um momento, que a guerra vai acabar”² com esse apontamento, Joaquim Nabuco, em seu *Um estadista do Império*, conclui a sua ampla apresentação sobre os eventos de Uruguaiana. O dezesseis de setembro de 1865, dia da rendição final da coluna do Coronel Estigarribia, cercada por grande parte das forças da Tríplice Aliança, marca o final de uma série de eventos particulares no conjunto da Guerra do Paraguai. Do ponto de vista da percepção do conflito, o ponto onde se encontra o evento de Uruguaiana, num tempo de virada do conflito, parece concorrer para a percepção apontada por Joaquim Nabuco.

A década de 1870, é um período já apontado largamente pela historiografia, como um período de virada, ou ainda, como brilhantemente aponta Fernando Novais, para outro contexto, como “um destes momentos fecundos em que se acelera

¹ Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Aluno do programa de pós-graduação em História na mesma instituição, onde desenvolve projeto de mestrado do qual o trabalho aqui apresentado é um esboço inicial dos resultados.

²Cf. NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império - Nabuco de Araújo, sua vida, suas opiniões, sua época*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997 (2 Volumes) pág. 580.

significativamente o tempo histórico”³. Vários acontecimentos políticos e sociais tiveram seu desenrolar durante esta época fecunda na nossa História. Para citar alguns óbvios, temos a promulgação da lei do Ventre Livre (1871) e o manifesto do Partido Republicano (1870), bem como a formação da convenção de Itu (1873). Atribuições políticas influenciadas pela Guerra do Paraguai (1864-1870) que terminara e trouxera uma grande turbulência política, pela própria condução da Guerra, que se intensifica com a queda do Gabinete de 1866. Que fora comandado pelos progressistas, tendo como chefe Zacarias de Góis, e com a subida dos conservadores, em 1868, tendo Itaboraí como Chefe de Gabinete. Essa virada no jogo político⁴, sob influência direta do Imperador, por uso do poder moderador, é apontada por muitos como um golpe fatal para a legitimidade do sistema parlamentarista Imperial, bem como para a própria monarquia.

Com o crescimento das cidades e o aumento de camadas médias da população, principalmente nos centros urbanos do centro-sul do país, somada a expansão da cultura cafeeira, há a entrada de uma série movimentos intelectuais que vão de encontro ao estabelecido, dominado, como observa Ângela Alonso, pelo indianismo romântico, o catolicismo hierárquico e o liberalismo⁵. Neste contexto, há a entrada de uma série de doutrinas de inspiração européias, como o cientificismo e o positivismo, que mudam impreterivelmente o panorama intelectual e político do Segundo Reinado⁶.

Para além de toda esta virada, a Guerra do Paraguai, que se finalizava no início da década de 1870, aparece como um marco, e ainda mais como um elemento, na periodização da História do Império, e ainda como um agente catalisador em grande parte dessas mudanças⁷. Entendida como um ponto de virada, entre a formação estatal que vigorava desde a independência, sob chefia do Partido Conservador⁸ e a que se

³ Cf. NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. 7ª edição. São Paulo: Hucitec, 2001. Pág. 3.

⁴ Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira: Do Império à República*. (Vol. 7) 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. *Passim*.

⁵ Cf. ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil - Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

⁶ Cf. NAXARA, Márcia. *Cientificismo e Sensibilidade Romântica. Em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX*. Brasília, Ed da UNB. 2001. *Passim*

⁷ Cf. COSTA, Wilma Peres. *A espada de Dâmoçles. O exército, a guerra do Paraguai e a Crise do Império*. Campinas: Hucitec/Editora da Unicamp, 1996. *Passim*.

⁸ Cf. MATTOS, Ilmar Rohloff. *O tempo saquarema*. 5ª Edição. São Paulo: Hucitec, 2007.

desenrolará até os últimos momentos do sistema monárquico, a Guerra participa como elemento inerente e fundamental na explicação da História do Império.

Toda esta caracterização da efervescência da década de 1870 pode ser percebida em inúmeros relatos coevos. Tavares Bastos (1839-1875), político pertencente às hostes liberais, definiu o momento como “Este é um mundo que se acaba (...) já se sente o ranger das peças do edifício que se esboroa”⁹. O edifício construído pelos políticos da primeira metade do século XIX, segundo Bastos, se esboroava. A noção de mudança, de um tempo que ele vira e que não mais retornará, aparece juntamente nesta metáfora, com a formação política. A sensação de que este era um mundo que acabava, é muito mais abrangente que a noção aqui aplicada, reduzida a formação político-social Imperial. O Brasil da segunda metade do século XIX viveu, imediatamente após o término da Guerra da Tríplice Aliança, uma mudança na própria forma de se ver, como nação¹⁰. A relação com o tempo, após esse período ganha uma nova forma, caracterizado pela sua passagem mais rápida ligada a expansão cafeeira e a penetração do capitalismo, em comparação ao tempo mais lento de antes, onde as coisas pareciam mais próximas, mais familiares.

Silvio Romero (1851-1914), sobre a mesma década de 1870, apontará. “O decênio que vai de 1868 a 1878 é o mais notável de quantos no século XIX constituíram a nossa vida espiritual. Quem não viveu nesse tempo não conhece por ter sentido diretamente em si as mais fundas comoções da alma nacional [...]”. Ao fim do conflito, diz ele, “por um movimento subterrâneo que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do império apareceu em toda a sua nudez. [...] Na política é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico, o travamento da peleja foi ainda mais formidável porque o atraso era horroroso”. (...) e ainda, é “Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte.”¹¹

Essa sensação de cesura entre dois tempos sugere pensar a guerra do Paraguai como fecundo o *espaço de experiência*¹² propiciador de múltiplos *horizontes de*

⁹ Carta de Tavares Bastos à Nabuco de Araújo, 1867. *Apud.* ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil - Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, pág.52.

¹⁰ Cf. NAXARA, Márcia. *Cientificismo e Sensibilidade ...Op. cit. Pág 211.*

¹¹ Cf. ROMERO, Silvio. *Explicações indispensáveis*. Prefácio. In: Barreto, Tobias. *Vários escritos*. Ed. do Estado de Sergipe, 1926. Pág. 23-24.

¹² “A experiência é o passado atual, aquele no qual os acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de

*expectativa*¹³, próprio das situações de crise. Para Koselleck, a tensão entre estas duas categorias determinam o tempo histórico, ou seja, o modo como o homem se relaciona com o tempo histórico, que difere do tempo cronológico.

A rendição de Uruguaiana é um momento decisivo do desenrolar da guerra, menos pelo seu significado militar do que pela gama complexa de significados que a ela foi atribuída pelos contemporâneos. Várias razões se ligam a esse fato; em primeiro lugar, Uruguaiana havia sido uma das regiões invadidas pelas forças paraguaias, região à qual se ligavam múltiplos contenciosos de fronteiras e que era defendida por uma força militar que até então gozava de grande prestígio no Império – a milícia gaúcha. A sensibilidade política da região, onde o partido liberal, então no poder tinha grande representação, é outro aspecto relevante, fazendo com que as narrativas do episódio expressassem tanto as disputas da província com o centro político como o complexo quadro político partidário que vinha se desdobrando desde 1862 na Corte.¹⁴ O episódio também ganhou grande repercussão pela presença no local da contenda do Imperador, que viajou para a frente de batalha em companhia de seus genros, o Conde d'Eu e o Duque de Saxe. A disputa partidária do comando adicionava-se as especulações dinásticas acrescentando novo interesse às narrativas que então se produziram. O episódio de Uruguaiana adquiriu relevo também por que, sendo o comando militar naquele momento, de acordo com o Tratado da Tríplice Aliança, responsabilidade do Presidente Mitre, ele suscitava pela primeira vez o confronto face a face dois líderes políticos da América do Sul, representando regimes opostos – a monarquia e a república. Imaginários de parte a parte entre os aliados e adversários, imagens e opiniões sobre a monarquia e a república, sobre

comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia.” KOSELLECK, Reinhardt, *Futuro passado, Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto/PUC-Rio, 2006. Pág. 310-311.

¹³ “[...] também ela é (a expectativa) ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que ainda não pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem.” Idem, pág. 311.

¹⁴ NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império* - Nabuco de Araújo, sua vida, suas opiniões, sua época. 5º Ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997 (2 Volumes) pág. 447.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

a escravidão e o trabalho livre, adicionam ao acontecimento toda uma densidade política e social que constitui o campo a ser explorado por este projeto.

Explorar as narrativas que se produziram no período não tem para nós o objetivo de chegar a uma descrição que, adicionando novos pormenores, ou ainda descobrir aspectos não conhecidos dos fatos militares da guerra. Nosso objetivo é o de procurar compreender, através da diversidade de opiniões e modos de narrar, os elementos que permitem associar a guerra à crise da monarquia que se desdobraria nas décadas seguintes.

O tema ganha também importância quando comparado a luta na outra parte do território ocupado, a Província do Mato Grosso. Esta suscitou um relato que se tornou canônico sobre a Guerra, o romance-documento *A Retirada da Laguna*. Não há tratamento similar sobre o cerco e rendição de Uruguiana. Ao que parece, o acontecimento teve uma repercussão muito mais importante para os coevos do que para as gerações que se sucederam.

O fato de o exército paraguaio ter penetrado no território da província suscita sobre a defesa da província. A defesa organizava-se em dois setores¹⁵ e ao longo de todo o conflito as responsabilidades sobre a invasão foram sendo lançadas sobre o comando militar da província, em geral, e o General Caldwell, chefe militar da província, mas principalmente sobre o General David Canabarro¹⁶, em especial. A política provincial ainda se imiscuia no meio do evento. A partidarização da guerra, e do comando, era algo notório, tendo cada ala um general preferido¹⁷. A defesa da província, que contava com cerca de 7.000 mil homens em armas que não deram combate ao inimigo foi um assunto constante durante a invasão.

Contudo, o poder simbólico que o evento agregou não se deu pelo lustre militar, seja das grandes mobilizações humanas, nem dos combates que foram poucos e no desfecho, da rendição, foram evitados. O ponto importante do evento está na sua

¹⁵ A fronteira da região das Missões, a cargo da 1º divisão de Canabarro, e a 2º, sob ordens do Barão de Jacuí, sobre a fronteira do Uruguai. Cf. DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra ... Op. Cit. Pág. 177.*

¹⁶ O governo Imperial suspendeu Canabarro do Comando, para submetê-lo ao conselho de investigação, o que não foi levado à frente por sua morte, em 1867. Cf. DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra ... Op. Cit. 178.*

¹⁷ “Essa província estava dividida em três correntes [...] os liberais históricos, com Canabarro e Osório, os progressistas como o Conde de Porto Alegre, e os conservadores que se identificaram com o Ministro Ferraz [...] e posteriormente com Caxias. Cf. DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra ... Ibem.*

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

simbologia, pelo que ele representou, e mais, nos agentes históricos que o evento reuniu nos campos de Uruguaiana. Certamente a figura do Imperador é a de principal destaque. Após longa viagem, o monarca chega Uruguaiana acompanhado por uma grande comitiva, que incluía seus dois genros, Gastão de Orleans, o Conde D'eu, e Luis Augusto Maria Eudes de Saxe-Coburgo-Gotha, o Duque de Saxe. Ainda como ajudantes de campo os generais Marques de Caxias e Francisco Cabral, o Almirante Rodrigo Antonio de Lamare e o Ministro da Guerra, Ângelo Muniz da Silva Ferraz.

Ainda no momento da rendição final da coluna do Coronel Estigarribia, encontravam-se junto à tropa de cerco todos os chefes de Estado da Aliança. Flores e Mitre vieram acorrer ao acampamento sob chefia de suas tropas, e as questões de comando ali criaram alguns atritos, como na discussão sobre o ataque ou não a cidade sitiada, que colocou Flores e Paunero contrapostos a Porto Alegre e Tamandaré. Contudo a questão do comando em Chefe é a que mais suscitou problemas. O fato da presença do Imperador, no caso do ataque do Exército Aliado, presenciar o comando ser exercido pelo presidente Argentino, detentor do comando as tropas pelo Tratado da Tríplice Aliança, causou constrangimentos que foram evitados com a rendição, ainda que taxada de magnânima, das tropas paraguaias.

Ainda em Uruguaiana, resolveu-se definitivamente a Questão Christie. Em 23 de Setembro, o Ministro Inglês Thorton apresentou suas credenciais ao Imperador e colocou fim, com as desculpas formais em nome da Rainha, ao rompimento das relações entre as duas nações, que haviam passado pela arbitragem do incidente pelo Rei dos Belgas, Leopoldo I, que dera ganho de causa ao Império.

Uruguaiana, ocorrendo no fim de 1865, insere-se no início da Guerra do Paraguai. A relação da Guerra com a Crise do Império é um processo, apesar de imbricado, já bastante vigoroso na historiografia contemporânea. Pensar a Guerra da Tríplice Aliança como um ponto de inflexão na história do Império Brasileiro já aparece como uma tendência, apesar de não ser auto-evidente¹⁸ no esforço historiográfico na busca de delinear vários processos históricos ocorridos nesse período. A guerra aparece como ponto de inflexão na chamada Questão platina, onde são discutidos inúmeros

¹⁸ COSTA, Wilma Peres. Op. Cit. Pág. 74.

pontos a cerca da constituição dos Estados-nação na região do Prata. Para o Brasil especificamente, a seja na construção do Estado nacional, seja na questão concernente aos próprios rumos do Estado imperial, a Guerra do Paraguai.

Um relato coevo de destaque é o do Engenheiro André Rebouças (1838-1898). O engenheiro mulato, de família ligada a fortemente à monarquia e ao Estado. Rebouças foi figura ativa ao longo do Segundo Reinado na promoção de reformas políticas, onde empenhou a bandeira Abolicionista ao lado de Joaquim Nabuco. O relato que nos utilizamos procede de seu diário pessoal, que tange ao período que serviu como primeiro-tenente no corpo de engenheiros. Eis a impressão registrada pelo jovem engenheiro do episódio da rendição:

“As 2 horas da tarde mandaram os chefes responder que se entregavam; principiou então a cena mais cômica, senão abjeta, que tem visto a América do Sul: - o desfile ante o Imperador, tendo ao lado Mitre e Flores, do exército paraguaia, se tal nome pode merecer o bando de esfarrapados mendigos carregados de objetos roubados em Itaqui, São Borja e Uruguaiana.

Dir-se-ia uma procissão dos famosos habitantes da *cours de miracles*, um levava um chapéu de senhora aberto; outro uma cadeira; outro panelas, todos sacos cheios de uma milhar de coisas; mostravam uma satisfação e uma alegria, que em muitos era devida ao estado de embriaguez em que se achava.

Nas malas do cura e nas do chefe Estigarribia, em que se contara encontrar correspondências oficiais de maior importância, só se acharam peças de seda, leques, jóias, etc.

Dizem que Estigarribia se apresentara com as dragonas e o chapéu armado de um tenente coronel da Guarda Nacional de São Borja! Eis os inimigos com que ia se medir o nosso Imperador”¹⁹

A lembrança da Guerra se faz presente ao longo da vida de Rebouças, e a mesma ressurge, já no exílio, após a queda da monarquia, em 1893, em uma carta endereçada ao amigo Alfredo Taunay, onde:

“A contraprova matemática da covardia do Rio Grande do Sul está na missérrima história da invasão paraguaia. Eu estava então, no exército, comandado pelo Rio Grandense Osório. Só tomavam real interesse na infâmia da invasão o baiano André Rebouças e o cearense General Sampaio. O próprio Osório oscilava entre a amizade a

¹⁹ Diário de André Rebouças. *Apud.* TRINDADE, Alexandro Dantas. *André Rebouças: Da engenharia civil à engenharia social*. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas – 2004. Pág 103

Canabarro e o despeito aos conservadores de Uruguaiana que o haviam derrotado na última eleição.

Comoveu a rendição de Uruguaiana – 18 de Setembro – lembrando estes traidores e ingratos a abnegação de D. Pedro II, deixando mulher e duas filhas recém casadas, e levando os genros para sofrerem frio e fome nos campos do Rio Grande do Sul, mas salvando a Dignidade da pátria Brasileira; livrando Uruguaiana de ser bombardeada e saqueada por Uruguaios e Argentinos.

O santo velho me dizia-me no ‘Alagoas’, - ‘ainda quero bem o Silveira Lobo, ministro da Marinha, e único a me ajudar a ir para o Rio Grande do Sul’. “E, em Petrópolis, e em toda a parte: ‘Em Uruguaiana seguimos o seu conselho e salvamos 7.000 paraguaios’: Heróico e Bravo D. Pedro II”.²⁰

Ainda em relação aos relatos coevos, outro de especial interesse é o deixado pelo Conde D’eu. Gastão de Orleans e Bragança (1842-1922), consorte da Princesa Imperial, vai à Uruguaiana junto à comitiva do Imperador. Diferentemente do período onde a guerra está sob seu comando, após a saída de Caxias, neste momento o Conde está como um observador privilegiado, com um conhecimento militar já adquirido, que é a marca do seu relato. Neste momento ele produz o seu *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*, onde ele narra a sua experiência no período inicial da guerra. Vejamos novamente o momento da rendição na leitura do Conde:

“Logo que se soube que tinham ido parlamentares conferenciar com os inimigos, e que estes propunham render-se, a curiosidade, o desejo de ver de perto estes famosos inimigos, puderam mais que tudo (infelizmente mais que a disciplina).

Formatado: Recuo: À esquerda: 0 cm, Primeira linha: 1,25 cm

Primeiro oficiais e logo soldados se precipitaram para a trincheira, a despeito dos gritos de indignação do General Cabral. Por seu lado, os infelizes paraguaios com certeza aterrados pela vista do exército que se estendia diante deles, reconhecendo que os nossos se aproximavam com intentos pacíficos, e que portanto, se lhes deparava meio de saírem de tão desagradável situação, entram a conversar com os nossos; daí a pouco deitam fora as armas, saltam o parapeito e montam na garupa dos cavalos de nossos soldados. Em todas as direções vêem galopar cavaleiros rio-grandenses, cada um com o paraguaio na garupa”

Formatado: Recuo: À esquerda: 0 cm

“Ao ver-se tal coisa, torna-se a curiosidade contagiosa: corremos todos à trincheira e vemos os nossos infelizes inimigos debruçados, com ar mais filosófico que é possível, com as

²⁰ Carta de André Rebouças a Alfredo Taunay (1893). *Apud* TRINDADE, Alexandro Dantas. *André Rebouças... Op. Cit.* pág 104

espingardas no chão, atrás de si, e a bandeira abandonada, ao canto de um pardieiro. Aquilo que Estigarribia, em suas altivas comunicações aos generais aliados, intitulava *División paraguaya en operaciones sobre el rio Uruguay*, cessara virtualmente de existir, justamente 100 dias depois que entrara no Brasil a 10 de julho”

“Foi então que lhe trouxeram os dois chefes paraguaios, os quais, seguramente por se verem abandonados pelos soldados, entenderam que o melhor partido a tomar era virem pessoalmente implorar a clemência imperial. O coronel Estigarribia, chefe oficial da divisão, trazia quépi e uniforme azul escuro com gola e canhões encarnados, sem galões e ornato metálico. Figurava ter 35 anos; seu rosto impassível indicava muito pouca inteligência. Contentou-se com uma só frase dita em voz baixa para recomendar-se ao Imperador. O padre, que era, ao que parece, a verdadeira cabeça dirigente da expedição, chamava-se Duarte; poderia ter 40 anos, vestia batina e chapéu redondo. É a sua iniciativa que todos atribuem as atrocidades cometidas em São Borja e Itaquí, e confesso que a cínica expressão do seu rosto inteiramente justificava esta suposição, também confirmada pelo terror que dele se apoderou a ver os soldados brasileiros. Não quis largar o braço do General Cabral até chegar a presença do Imperador, e foi com voz tremula que fez uma pequena fala, que terminou por pedir ao imperador *protección para my e la libertad de mi pátria*”²¹

Para além dos relatos apontados, há ainda outros que abordaremos oportunamente. Contudo aqui é interessante frisar os diferentes modos como o evento é narrado. Usamos as duas descrições – de Rebouças e do Conde D’eu – para ilustrar as diferentes dimensões que o evento apresenta. Os dois coevos a partir do mesmo acontecimento produzem relatos que guardam similitudes entre si e diferenças – ambas importantíssimas no entendimento do acontecimento – marcantes que chamam a atenção e sugerem uma possibilidade de análise.

Basicamente parte-se da intenção de trazer ao centro da análise um evento que, mesmo sendo bastante conhecido pela historiografia que se dedicou a guerra do Paraguai e a Crise do Império Brasileiro, não fora o evento parte central da análise. Sempre sendo objeto acessório em análises amplas e detidas sobre a Guerra, Uruguaiana sempre ocupou

²¹ D’EU, Gastão de Orleans e Bragança, Conde. Viagem Militar ao Rio Grande do Sul *Apud*: FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra ... Op. Cit. Vol. 2, Págs. 266-267*

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

um papel menor nas análises do conflito, seja pelo trauma que a invasão tenha deixado, como um episódio que poderia ser evitado, e mesmo que deveria ser esquecido; seja pelo tamanho da operação, em comparação as grandes mobilizações humanas e materiais como Curupaiti e as batalhas da chamada “Dezembrada”, que gerou repercussões maiores, até pela retumbância das vitórias. O fato é que o grande viés interpretativo, onde a invasão é incluída é na questão da crise, basicamente pelo seu poder simbólico, como um resumo dos problemas enfrentados pelo Império na campanha, e na reprodução do sistema Imperial, que já dava aqui seus primeiros sinais de desgaste.

A escolha do evento de Uruguaiana se deu por vários motivos. Ele possibilita a leitura do mesmo evento por narrativas distintas. Há como vemos uma série de relatos e memórias, e coberturas pautadas em uma serie de interesses que olharam Uruguaiana através deste viés, do seu lugar social dentro da configuração do Segundo Reinado. Assim a reconstrução cumpre um papel de desnudar essas leituras, seus pressupostos de forma bastante interessante. A rendição gerou uma intensa efervescência política, que acreditamos foi refletida no periodismo da época, e sendo este engajado aos grandes partidos, também dá conta de nos mostrar como cada segmento político interpretou e por fim se apropriou do acontecimento. Toda essa dimensão nos fornece, acreditamos um ângulo privilegiado de análise para a conjuntura política deste período crucial da historia do Império.

Assim sendo, nos pareceu de interesse realmente abordar o evento como um acontecimento. Essa idéia visa discutir mais detidamente todas as manifestações que emanam do evento de Uruguaiana. O evento é eivado de um simbolismo que já lhe são atribuído desde á época de seu desfecho, contudo o evento analisado na sua forma integral, ou total, ainda não havia sido pensado. Digo, o evento de Uruguaiana sempre fez parte da análise de outros processos históricos – como a crise do Império e a Guerra do Paraguai – mas o evento em si não fora alvo de uma reconstrução que compusesse de forma mais ampla todos os eventos que lhe dizem respeito, bem como uma reconstrução mais detida, uma análise mais aprofundada do evento em si.

Buscaremos, formalmente, partir das fontes disponíveis para a reconstrução do evento na sua forma total, não privilegiado a faceta ligada a crise nem a ligada à guerra, mas sim reconstruir as múltiplas facetas atreladas a dinâmicas regionais – na província do

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PRATL

Rio grande do Sul, e, ainda nesta fase, cruzar a repercussão do evento no nível nacional e regional. Aqui Uruguaiana presta-se a reconstrução de uma forma detida, e mais da reconstrução de uma série de eventos e fatos que se encontram, cruza-se em Uruguaiana. A partir da invasão, um leque de problemas e conflitos é levantado e, por Uruguaiana, buscaremos discuti-los. Muitos dos problemas do Império mostram-se em Uruguaiana e faz parte da reconstrução apontar o seu lugar, o seu peso no desfecho dos eventos que se precipitam sobre os campos do interior da província do Rio Grande do Sul.

Todo esse esforço de reconstrução visa, estritamente, fornecer bases para uma análise da apropriação que a historiografia faz do evento, segunda parte do nosso trabalho. O objetivo aqui é discutir a historiografia, procurando tradições e leituras feitas ao longo do tempo, nos quais Uruguaiana foi sendo utilizada. Ainda aqui se busca de forma mais ampla, rastrear as utilizações do evento, bem como o modo como o fato histórico é alojado em uma narrativa histórica. Os usos e “abusos” de Uruguaiana são o nosso objeto neste momento, buscando definir o papel, ou melhor, o lugar de Uruguaiana na construção da narrativa da historia, seja da historia da Guerra, seja da Historia do Império, e de sua Crise, seja, por fim, da historia da nação.

Justifica-se, pois, deste modo, a apreciação do evento. Em larga medida o evento em si é pouco conhecido do público, no seu sentido lato. A sua apreciação, mesmo dentro da historia da guerra do Paraguai, já se justifica, pelo seu relevo no movimento da guerra. Evento de interesse *per se*, para a reconstrução histórica, ocorre uma serie de interesses entre si no esforço que a pesquisa pretende. Acreditando que a discussão da relação entre a Guerra da Tríplice Aliança e a Crise do sistema monárquico brasileiro seja já um debate vigoroso, acreditamos que, ao revisitar Uruguaiana, não nos deteremos apenas na repetição do debate no que já fora apontado pela bibliografia pregressa. A abordagem proposta e o próprio objeto trarão, acreditamos novos elementos de profundo interesse para contribuir para o conhecimento acerca da crise do Império e a própria guerra do Paraguai.

Não entendendo que o debate esteja esgotado, acreditamos que a inserção dos eventos da invasão do Rio Grande do Sul e mais detidamente a rendição de Uruguaiana, podem mostrar elementos mais nítidos, ao serem analisados diretamente, jogando luz diretamente sobre o evento, sem perder as duas tradições maiores que o evento se liga.



Assim, é possível que a reconstrução do processo a partir de Uruguaiana pode configurar uma via de acesso a eventos de extremo interesse para o conhecimento da história do Brasil do século XIX.

Dada a natureza do objeto, a opção de escolha da metodologia a ser empregada é bastante variada. O debate acerca do *acontecimento*, basicamente na historiografia francesa aparece, sugestivamente, como uma forma de aproximação com o objeto que nos permitirá dar conta das dimensões que, acreditamos, permeiam o evento com o qual buscaremos trabalhar.

O uso do *acontecimento* como categoria de análise – entendida seja como escala na delimitação do objeto ou ainda como nível onde os esforços do historiador se detêm na busca de dados inteligíveis na reconstrução histórica – é um objeto de discussão que permeia a própria formação do campo da história, como disciplina acadêmica. Houve como é amplamente sabido, um movimento, evidenciado na historiografia de inspiração francesa, que visava privilegiar os grandes movimentos da história²², em detrimento aos eventos de menor alcance, como eram entendidos, entre eles o acontecimento. Tido ainda como algo ligado a chamada *histoire evenementielle*²³, e esta muito próxima a história política, nos moldes da escola metódica francesa, essa tendência que obteve maior peso nos trabalhos feitos e inspirados por Fernand Braudel. Na década de 1970 ouve uma retomada do acontecimento como categoria passível – e importante – de análise. Na chamada Nova História o chamado *regresso do acontecimento*, como foi nomeada no artigo de Pierre Nora²⁴, em uma explanação da importância dos acontecimentos, conceitualmente, como parte integrante de qualquer reconstrução histórica. Outro grande nome da chamada terceira geração dos *Annales*, Georges Duby partindo da reflexão de Nora, aplicou estas categorias em um ensaio que se tornou – desde já - uma grande

²² Cf. BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): A revolução francesa da Historiografia*. São Paulo: Ed. Unesp. 1997. Passim.

²³ Cf. GINZBURG, Carlo. *Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito* IN: GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Pág. 253.

²⁴ Cf. NORA, Pierre. *O regresso do acontecimento*. IN: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *Fazer História: Novos Problemas*. Venda Nova, Bertrand, 1977. Ainda sobre a questão do acontecimento. Ver: BURKE, Peter. *A História dos acontecimentos e o renascimento da narrativa*. IN: BURKE, Peter. (Org.) *A escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

inspiração na feitura desse trabalho. O *Domingo em Bouvines*²⁵, onde o historiador francês parte de uma aproximação com um acontecimento, a batalha de Bouvines, ocorrida em 1214, e da reconstrução deste episódio, em diversos níveis. O modo como o autor aborda o seu objeto – a batalha de Bouvines – e a discussão das em torno da batalha são, em larga medida o que interessa no modelo que buscamos apontar aqui. O duplo movimento, onde primeiro se reconstrói o acontecimento – que no nosso caso será a partir dos vários relatos que sobreviveram, não somente de um, como no caso de Duby – e posteriormente seguem-se dimensões do acontecimento, ligando o acontecimento às dinâmicas históricas, são elucidativos neste tocante.

Entretanto, o trabalho de Georges Duby, nos parece, seja pela natureza comum dos objetos – a batalha – bem como o modelo de abordagem, aproximar-se muito da proposta que visaremos levar a cabo. Assim sendo uma reflexão acerca do que entendemos por *acontecimento*, se faz necessária, no sentido de melhor empreender o plano metodológico do projeto aqui apresentado.

Georges Duby define o acontecimento na historia de forma bastante particular, para ele:

“Os acontecimentos são como a espuma da história, bolhas que, grandes ou pequenas, irrompem na superfície, e, ao estourar, provocam ondas que se propagam a maior ou menor distância. Este deixou marcas bastante duradouras; até hoje não foram totalmente apagadas. Somente essas marcas lhe conferem existência. Fora delas, o acontecimento não é nada”²⁶.

A dupla função que o acontecimento tem na reconstrução, é de especial interesse para o objeto que nos propomos estudar. Da segunda função, ainda, Duby assinala:

“Por seus efeitos de ressonância, por tudo aquilo cuja explosão a ascensão desde as profundezas do não dito, pelo que ele revela ao historiador das latências. Pelo próprio fato de ser excepcional, o acontecimento faz emergir, no afluxo das palavras

²⁵ Cf. DUBY, Georges. *O domingo de Bouvines*: 12 de julho de 1214. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

²⁶ Cf. DUBY, Georges. *O domingo de...* Op. Cit. Pág. 14.

que ele libera vestígios que, se não nos detivéssemos nele, permaneceriam nas trevas despercebidos.”²⁷

Há assim essa ressonância, que no caso de Uruguaiana, se projeta ao longo dos últimos anos do regime monárquico, que nos interessam tanto quanto a reconstrução do evento em si. As percepções e apropriações das quais o evento é alvo, seja no momento do acontecimento, seja ao longo do tempo, as “marcas” como quer Duby, são os rastros que buscaremos seguir na reconstrução da batalha. A partir do “evento si mesmo extraordinário, as marcas excepcionalmente profundas que deles permanecem revelam aquilo de que, no cotidiano da vida, pouco ou quase nada se fala; elas reúnem, em um ponto preciso do tempo e do espaço, um feixe de informações sobre as formas de pensar e de agir”²⁸. Assim a excepcionalidade do evento, como no caso da invasão, evento traumático para a nação, é possível, acreditamos, usar desse “feixe de informações” numa discussão mais profunda, no tocante a cultura e sociedade brasileira do século XIX, bem como dos eventos históricos imbricados diretamente ao evento.

Tomando assim Uruguaiana como um *acontecimento*, faz-se necessária a dupla organização da reconstrução no que tange ao evento em si, como apontado acima, bem como a leitura do evento. Marc Bloch já apontara que “A história consiste não apenas de saber como os acontecimentos ocorreram, mas igualmente como foram percebidos”²⁹. Neste sentido, o entendimento da percepção se faz tão ou mais importante que o próprio acontecimento, ou ainda “essas marcas instruem de outra maneira sobre o meio cultural no seio do qual o acontecimento explode e depois sobrevive a sua emergência. Elas mostram com a percepção do fato vivido se propaga em ondas sucessivas que, pouco a pouco, no desdobramento do espaço e do tempo, perdem a amplitude e se deformam”³⁰. Pensando o acontecimento na sua projeção no futuro, ou ainda na leitura feita posteriormente, seja pela tradição, seja pela historiografia, a relação do acontecimento com a memória projetada também pode, e é importante que seja objeto de pesquisa

²⁷ *Idem*, pág. 11.

²⁸ *Idem*, pág. 20.

²⁹ Cf. BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Pág. 57.

³⁰ Cf. DUBY, Georges. *O domingo de...* *Op. Cit.* Pág. 20.



histórica, e mais, seja parte integrante na reconstrução do objeto na sua totalidade, ou ainda “[...] ver como o acontecimento se faz ou se desfaz, já que, afinal, ele só existe pelo que dele se diz, pois é fabricado por aqueles que difundem a sua notoriedade. Esbocei, pois a história da lembrança [...] de sua deformação progressiva, pelo jogo, raramente inocente, da memória e do esquecimento”³¹.

Bibliografia.

- ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil - Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ALVES, Claudia M. Costa. *Cultura e política no século XIX: o exército como campo de constituição de sujeitos políticos no Império*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e Difusão do Nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: Gênero e Poder no século XIX*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- _____. *The forging of a nation (1798 – 1852)*. Stanford: Stanford University Press. 1988.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- BURKE, Peter. *A História dos acontecimentos e o renascimento da narrativa*. IN: BURKE, Peter. (Org.) *A escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.
- _____. *A escola dos Annales (1929-1989): A revolução francesa da Historiografia*. São Paulo: Ed. Unesp. 1997.
- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da Ordem, Teatro das sombras*. 3º edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- _____. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- _____. *As conferências radicais do Rio de Janeiro: o novo espaço de debate*. CARVALHO, José Murilo de (Org.) *Nação e Cidadania no Império: Novos Horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. (Orgs.) *Repensando o Brasil dos Oitocentos: Cidadania, Política e Liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009.
- COSTA, Emilia Viotti da. *Coroas de glória, lágrimas de sangue. A rebelião de escravos de Demerara em 1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Da Senzala à Colônia*. 4º Ed. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- _____. *Da monarquia a República: Momentos decisivos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2007.
- COSTA, Wilma Peres. *A espada de Dâmoques, O exército, a guerra do Paraguai e a Crise do Império*. Campinas: Hucitec/Editora da Unicamp, 1996.
- _____. *Joaquim Nabuco, a Guerra do Paraguai e a Crise do Império*. Idéias, Campinas, 2001.
- _____. *O Império do Brasil: Dimensões de um enigma*. Almanack Braziliense, n1, Maio de 2005.
- DANTAS, Monica Duarte. (Org.) *Revolutas Motins e Revoluções: Homens livres pobres e libertos no Brasil do XIX*. São Paulo: Editora Alameda, 2010.

³¹ *Idem*, pág. 12.



- DOLHNIKOFF, Miriam. *O pacto imperial: as origens do federalismo no Brasil do século XIX*. São Paulo: Editora Globo, 2005.
- DORATIOTTO, Francisco. *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DUBY, Georges. *O domingo de Bouvines: 12 de julho de 1214*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- FERREIRA, Gabriela Nunes. *Rio da Prata e consolidação do Estado Imperial*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- GOUVEIA, Maria de Fátima da Silva. *O Império das Províncias: Rio de Janeiro 1822 – 1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. (Orgs.) *O Brasil Imperial* (3 vols.) Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.
- GINZBURG, Carlo. *Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito* IN: GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Historia Geral da Civilização Brasileira: Do Império à República*. (Vol. 7) 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- IZECKSOHN, Vitor; CASTRO, Celso; KRAAY, Hendrik. *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: FGV/Bom Texto, 2004. V. 1.
- IZECKSOHN, Vitor. *O Cerne da Discórdia: A Guerra do Paraguai e o Núcleo Profissional do Exército*. 1. Ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2002.
- JANCSÓ, István (Org.) *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec/Editora Unijui/Fapesp, 2003
- KOSELLECK, Reinhart, *Futuro passado, Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto/PUC-Rio, 2006.
- KRAAY, Hendrik; WHIGHAN, Thomas L. *I Die with my Country: perspectives on the Paraguayan War (1864-1870)* Lincoln; University of Nebraska Press, 2004.
- MAGNOLI, Demétrio. *O corpo da Pátria: Imaginação Geográfica da Política*. São Paulo: Editora Moderna, 1997.
- MATTOS, Ilmar Rohloff. *Construtores e herdeiros: a trama dos interesses na construção da unidade política*. Almanack Braziliense, n1, Maio de 2005.
- _____. *O tempo saquarema*. 5ª Edição. São Paulo: Hucitec, 2007.
- NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império - Nabuco de Araújo, sua vida, suas opiniões, sua época*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997 (2 Volumes)
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e Sensibilidade Romântica: Em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.
- NORA, Pierre. *O regresso do acontecimento*. IN: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *Fazer História: Novos Problemas*. Venda Nova, Bertrand, 1977.
- _____. *O acontecimento e o historiador do presente*. IN: LE GOFF, Jacques. *A Nova História*. Lisboa: Edições 70, 1983.
- NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. 7ª edição. São Paulo: Hucitec, 2001
- OLIVEIRA, Gilberto Maringoni. *Ângelo Agostini ou impressões de uma viagem da corte á capital federal (1864-1910)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.
- PIMENTA, João Paulo Garrido. *Estado e Nação no fim dos Impérios Ibéricos do Prata (1808 – 1828)*. São Paulo: Hucitec, 2006.



- RÉMOND, René (org.) *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- RIBEIRO, Gladys Sabina; FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. (Orgs.) *Linguagens e Práticas da Cidadania do século XIX*. São Paulo: Editora Alameda, 2011.
- ROMERO, Sílvio. *Explicações indispensáveis*. Prefácio. In: Barreto, Tobias. *Vários escritos*. Ed. do Estado de Sergipe, 1926.
- ROSANVALLON, Pierre. *Por uma História do Político*. São Paulo: Editora Alameda, 2010.
- SCHULZ, John, *O exército na política: Origens da intervenção militar (1850-1894)* São Paulo: Edusp, 1994.
- SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: Escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SCHNEIDER, Louis. *A guerra da Tríplice Aliança* (anotado pelo Barão do Rio Branco) São Paulo, Edições Cultura, 2 vol. 1945.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A história militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. 5 vol. Rio de Janeiro: Imprensa do Estado Maior do Exército, 1959.